

A AUTO-ESTIMA E AS IMPLICAÇÕES NO COMPORTAMENTO FACE AO PAPEL DOCENTE – A AUTO-ESTIMA DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Janete Carminatti Tomasi¹

Resumo: O presente artigo traz considerações relacionadas com o lugar que o professor ocupa no contexto atual da sociedade brasileira contemporânea e as implicações da auto-estima no desempenho docente e, um convite à retomada da caminhada, com foco no resgate do desejo de Ser Professor.

Palavras-chave: Auto-estima. Professores. Desempenho Profissional.

SELF-ESTEEM AND IMPLICATIONS ON BEHAVIOR IN RELATION TO THE ROLE OF THE TEACHER – THE SELF-ESTEEM OF THE EDUCATION PROFESSIONAL

Abstract: This article analyzes the place that the teacher occupies in the current contemporary context of Brazilian society and the implications of self-esteem on the performance of the teacher. It is an invitation to travel a route once again, focusing on the recovery of the desire to be a teacher.

Keywords: Esteems. Teachers. Professional performance.

1. INTRODUÇÃO

As sensações que permeiam minha trajetória representam, simultaneamente, a inclusão e a exclusão: incluída porque ocupo um espaço acadêmico onde a uma minoria é possível e ao mesmo tempo excluída, pois ouço o que não havia escutado em dez anos de estudo sobre a educação.

Legado irônico a uma profissional da educação ou politicamente planejado?

Encontrei Clóvis Kassick. Professor de Metodologia que vem solucionando os intrincamentos que surgem no caminho do pesquisador e que desde a primeira aula suas sábias palavras provocaram uma bifurcação no meu ser. O que sei? Nada sei?

¹ Graduada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e Aluna do Curso de Mestrado em Educação e Cultura da UNISUL. Professora da Rede Pública e Particular, nos municípios de Nova Veneza e Criciúma, respectivamente. Endereço: Rua Lourivaldo Michels, 79 - São Bento Baixo - CEP 88867-000 Nova Veneza (SC), fone: (48)436-9189/9919-3895, e-mail: janete.tomasi@bol.com.br.

Em uma dessas aulas brilhantes do Kassick (que não é índio, muito menos chefe) nos falou o seguinte: O tema da pesquisa deve ser algo que incomoda ou atrai você.

Adormeci pensando nas palavras do mestre...

Pensamentos recentes e distantes deram seguimento ao ato de escavar o meu passado para assim alinhar os vínculos com o presente.

Desde muito cedo, muito antes de existir, eu fui professora nos sonhos de minha genitora. Essa ligação fetal, que a psicologia explicaria melhor, despertou em mim, enquanto criança de quatro anos um desejo aprimorado pela 'escolinha', uma brincadeira de infância que trago até os dias de hoje.

Na década de 90, durante o curso de magistério, eu e minha genitora fomos apanhadas por um redemoinho de reclamações, advindas das minhas antigas professoras. Eram imputações de sujeição e aflição relacionadas a Condições de Trabalho (péssima remuneração, necessidade de sobrecarregar a jornada de trabalho, falta de tempo para preparação das aulas e para reciclagem e de recursos para aquisição de livros, etc.); Formação Deficitária (dificuldade em articular teoria e prática); Desesperança; Descrédito na Educação; Clima necrófilo; Falta de companheirismo... como afirma Vasconcellos (1996, p. 23)

Tentei fugir à sina. Pelos estreitos caminhos, tentei ingressar na Faculdade de Direito, não recebendo aprovação. Foi quando passei por um curso (pré-vestibular) para então 'ter capacidade' de ingressar na Faculdade de Jornalismo. Angustiante, um curso que me ensinou muito bem a trabalhar solitária, construir o meu sucesso com objetos perecíveis, sem tocar, sentir ou exalar.

Foi quando "... acolhi, finalmente, a professora que, há tempos, me espreitava". (FONTANA, 2003, p. 14)

Como professora entre professores, percebi desenvolver em mim a inquietude e o desejo de estudar sobre os caminhos obscuros do processo afetivo referentes à auto-estima relacionados ao resgate do desejo de Ser Professor.

A partir das reflexões contidas neste artigo, pretendo incentivar os educadores a enxergar o mundo naquilo que muitas vezes os olhos viram sempre do mesmo modo e muitas vezes nunca chegaram a ver...

2. MOVIMENTO HOLÍSTICO: PESSOA----PESSOA E PROFESSOR---- PESSOA

O professor e o aluno, quando comungavam no mesmo ambiente objetivos diferentes, onde o professor falava e o aluno ouvia, as relações pessoais se faziam distantes.

Mas hoje, os paradigmas de aproximação entre as pessoas evoluíram. A herança cultural e emocional do aluno é respeitada e utilizada como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades, ensinar a aprender, animar inteligências, desenvolver múltiplas linguagens, capacitar para viver e, assim, transformar o ser humano.

No passado, a distância... No presente, a proximidade...

Percebemos um paradoxo que conserva o desequilíbrio nas relações pessoais no espaço escolar.

O que estaria faltando?

A conhecida história da mitologia nos remete a lembrança de Narciso, um jovem que gostava tanto de si mesmo que um dia, ao beber água da fonte e ver sua imagem refletida na água, ficou tão enamorado de sua imagem a ponto, de não se conter: atirou-se à água para abraçar a imagem e... afogou-se.

Esse mito enlaçado ao que a ciência e a religião nos mostram ao longo da história, duas visões bem diferentes merece importância nessa apresentação:

A teoria do liberalismo vê o ser humano como indivíduo. Seguindo a linha do raciocínio, o indivíduo é um, singular e não precisa dos outros para nada. E a humanista vê o ser humano como pessoa, isto é, sente “fome” e “sede” do outro.

O ser humano é um sujeito livre e com poder de decisão.

Por conta disso, somos responsáveis por nossos atos, não nos resta dúvidas. Mas também é verdadeiro que devido às muitas agressões que sofremos nossa liberdade de ação diminui. A mídia nos manipula, nos torna fracos a partir da nossa falta de consciência. O apelo à consciência é a resposta que conseguimos as perguntas: Quem sou eu? Porque sou o que sou?

E essa consciência vai me libertando, na reflexão e na busca da minha história. Não significa dizer que devo centrar a atenção somente em mim, pois corro o risco de ter o mesmo fim que Narciso.

A própria concepção de homem unifica a dimensão pessoal de nossas ações à dimensão social.

Pensar somente em mim exclui o outro. Ninguém se realiza sozinho: realizamo-nos na partilha, na doação, no diálogo. São realizações assim, que nos mantêm no caminho da harmonia e do entusiasmo.

O ser humano é emoção. O seu sorriso é reflexo do seu estado de espírito, assim como, a emissão dos sentimentos é consequência da paz e do amor semeado. Um ser repleto de sentimentos, que percebe, experimenta, colige, lamenta, alegra, argüi, realiza e conduz o seu estado de ânimo para onde quer que vá.

“Super-homens? Mulheres-maravilha?” (FONTANA, 2003, p. 23).

O desafio talvez seja o equilíbrio das sensações e pesquisar os ‘através de’ para neutralizá-las com a atividade escolar. Pois o ser humano com uma determinação positiva da vida e das relações humanas, lança aos seus, motivação e encorajamento para trilhar os caminhos conflitantes que a vida os aguarda e discernir nas ocasiões que os espaços os oportunizam.

Buscando em pesquisas sobre as deficiências educativas, trago inicialmente os paradigmas instituídos no mundo ocidental, ao que se refere o tipo de educação baseado na vergonha e na culpa, sendo que os pais e professores condicionam as crianças a partir das suas expectativas.

Em 1964 Eric Berne, em sua *Análise Transaccional*, ressaltou o estudo do comportamento e das reações psicológicas num enfoque hipotético, “criança interior”, que cada pessoa traria dentro de si mesma.

A primeira perspectiva aborda as situações emocionais que sofremos desde a nossa infância e que persiste em nosso comportamento, provocando reações imaturas.

A outra perspectiva assenta-se nas relações que tivemos, quando crianças, com nossos pais e professores.

Segundo o estudo, essas relações interferem na nossa personalidade, alheios a nossa consciência, e conservam-se na idade adulta até que nos motivemos a reconhecê-los e modificá-los.

A última fase da teoria, refere-se a influência em termos de crescimento e amadurecimento pela atuação de bons educadores.

Tendo verificado a importância e relevância da emoção no desenvolvimento de uma personalidade, instigo com o seguinte pensar:

Onde estarão as pesquisas e os programas educacionais voltados à saúde emocional dos professores?

Todos os conhecimentos de crescimento e amadurecimento pessoal deveriam fazer parte da grade curricular para a formação do profissional da educação.

Preparar o psíquico do professor, protagonista no possível resgate dos bons ou maus sentimentos, que se estabelecem nas relações de poder, significa tomar como tempo cada instante e como cenário a inexistência de um ou outro e a existência de um e outro que se completam mutuamente na fascinante estréia do ‘Aprender e Aprender, de Coração para Coração’.

Pouco adianta o professor dedicar a maior parte do seu tempo aos conteúdos curriculares. A formação da personalidade, a qualidade do vínculo consigo, com seus alunos e colegas de trabalho tornam-se imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

Transcorrendo pelas literaturas já produzidas, encontrei uma pesquisa sobre auto-estima realizada em 1984, no Estado da Califórnia. O objetivo do programa era a organização de seu ensino nas escolas primárias e secundárias.

Com a disposição de significativa espécie, o programa recebeu a colaboração de profissionais e pesquisadores ilustres.

Como primeira iniciativa, diagnosticaram que a auto-estima depende de como o indivíduo sente-se e percebe-se; e segundo, a maneira pelo qual se desenvolveu, desde a infância, sua segurança, autoconceito, senso de pertença, motivação e competência, e os integrou em sua personalidade.

Partindo dessa hipótese, foram testados instrumentos, técnicas, comportamentos e dinâmicas que possibilitam a aprendizagem da auto-estima em sala e em família. Aplicaram várias dinâmicas e formas de estimular mudanças de hábito e preconceitos negativos que interferem no bem-estar, no comportamento e na aprendizagem de crianças e adultos.

Paralelamente, nos Estados Unidos e Europa foram estudadas as conseqüências da baixa auto-estima no comportamento do adulto, considerando a influência de sua “criança interior”.

Comprovou-se que pessoas cuja auto-estima não tenha sido valorizada desde a infância possuem tendências pronunciadas a repetir comportamentos infantis na idade adulta.

Os investigadores da Califórnia definiram a auto-estima como apreciação do próprio valor e importância, e compromisso do indivíduo em assumir a responsabilidade por si mesmo e por suas relações intra e interpessoais.

Durante as pesquisas, insistiu-se que, ainda que se trate de um conjunto de características e atitudes internas do indivíduo, a auto-estima manifesta-se e desenvolve-se habitualmente no contexto de sua vida social, como a família, a escola, o trabalho, etc.

As pessoas que estimam a si mesmas por suas excelências como seres humanos inclinam a responsabilizar-se por seus próprios movimentos, assumir riscos e ajudar o outro, sem medo de colaborar, participar e contribuir.

Por outro lado, as pessoas que não se estimam preferem responsabilizar os outros ou as circunstâncias pelo que lhe ocorre ou poderia ocorrer. Isso evidentemente impede a tomada de medidas necessárias para conseguir soluções, iniciativas, alternativas e resultados na vida individual e social.

Tomando por base de análise a definição de auto-estima pesquisada pela comissão do Estado da Califórnia, o professor precisa aceitar que a sua condição emocional reflete nos seus alunos. Portanto, se o professor for submetido a um trabalho holístico antes de sua atuação em classe, ou uma reciclagem durante o processo, certamente a imagem de adulto que refletirá será de um ser humano amadurecido, preciso e evoluído que se ama e com isso, possui o privilégio de compartilhar com os seus alunos não apenas os conhecimentos da humanidade, mas também, os conhecimentos de humanizar.

Teorizar através de pesquisas não se torna tão penoso quanto o professor tomar consciência e assumir o seu papel transcendental, comprometido com o amanhã de diversas almas. Para isso a sociedade deve oferecer subsídios, caminhos que possam ser trilhados pelo professor até o findar do ciclo vivencial.

A Segurança, o Autoconceito, a Integração, a Finalidade e a Competência são os componentes básicos da auto-estima que servem para o indivíduo como auto-análise, como afirma Voli (1998, p. 67), sendo que o professor ao conhecê-los fará uma possível relação consigo e com os seus alunos, ampliando o espaço de possibilidades de conscientizar, aceitar e assumir a mudança de pensamentos e comportamentos próprios e de seus alunos.

Reconhecer as suas características positivas e negativas, é uma maneira eficiente e evolutiva de o professor compreender as relações intra, inter e transpessoal.

É tarde demais para o professor em final de carreira? É cedo demais para o professor em início de carreira?

O autoconhecimento torna-se a manifestação da descoberta do seu próprio valor, podendo ajudar o professor na apropriação de maior segurança, e conseqüentemente harmonia pessoal e profissional.

O ser humano que possui segurança não tem medo, não se sente ameaçado e muito menos vítima diante das situações conflitantes que encontrar no itinerário da vida. Possui um peculiar entusiasmo pelo mundo que o permeia e um senso de humor favorável. Através da observação e reflexão apurada, enxerga os fatos, de maneira capaz de atrair muitos adeptos ao seu pensar, pois a segurança possibilita ao indivíduo liberdade para pensar em qualquer contexto.

O indivíduo seguro demonstra tranqüilidade, vive repleto de pessoas ao seu redor, e àqueles prejudicados emocionalmente encontram no sujeito seguro o conforto para as suas dores. É ousado diante das experiências não apresentando acomodação e resistência à mudança.

No trabalho ou em qualquer atividade que ao sujeito seja confiado, produz com organização, disciplina e dedicação e os imprevistos são tratados com inteligência e agilidade, o que permite obter reconhecimento, êxito, apreciação, aceitação, etc.

“A falta de segurança pode ter origem em inúmeras situações infantis, educacionais e nos mais variados contextos.” (VOLI, 1998, p. 71).

Uma pedagogia libertária, baseada no amor, confiança, liberdade e responsabilidade por parte dos adultos, durante a primeira fase da vida do ser humano, têm significativa influência na afirmação da segurança do sujeito. Caso haja déficit em uma das características pontuadas, a tendência é permanecer ao longo da vida. Por isso é necessária a disposição do sujeito no sentido de mudar sua visão de si mesmo e de suas possibilidades como humano.

A auto-estima é uma reação afetiva, uma avaliação de quem você é. Enquanto que o autoconceito é uma estrutura cognitiva, uma crença em relação a quem você é. A maneira como o indivíduo é percebido desde o período gestacional, caracteriza a formação do seu autoconceito. Isto significa, que a criança que foi tratada com amor incondicional e responsável, é um adulto que se percebe como tal e essas características refletem-se nas relações.

“... temos uma grande quantidade de possibilidades e enfoques para trabalhar no amadurecimento de nossa personalidade. Estar consciente disso é muito importante, se nos propomos a descobrir como nos percebemos e quais alternativas nos convêm”. (VOLI, 1998, p. 78)

A pessoa com bom autoconceito trata a todos com espontaneidade, sem excessos de agradabilidade e sem afirmações ilusórias para justificar determinados comportamentos. Possui bom senso na maneira de escolher uma roupa, um sapato, um batom, etc.; como também para receber uma crítica ou uma ofensa.

Demonstra originalidade nos seus gostos, idéias e sugestões. E o autoconhecimento, no encontrar-se consigo mesmo, torna-se um exercício pleno, proporcionando-lhe confiança e segurança em si e no outro.

Conforme diz um provérbio popular *O homem não é uma ilha*. Vivemos numa sociedade e esta significa, nada mais que, um conjunto de indivíduos que compartilham costumes, história, etc.

Sentir-se incluído no grupo familiar, trabalho, diversão, estudo, etc., é uma característica social, e a relação uns com os outros torna-nos motivados, seguros e competentes, na transação com a vida.

O indivíduo com sentimento de pertença convive com as outras pessoas, mantendo amizades, pois o contato com o ser humano deixa-o à vontade e seguro.

“A solidão em classe é um dos aspectos negativos do ensino tradicional, no que se refere ao sentimento de pertença do professor”.(VOLI, 1998, p. 88).

Assim o professor necessita e pode buscar fórmulas para criar uma atmosfera de colaboração com outros professores. É necessário o professor congregar-se em grupos de apoio, manter amizades também fora da escola, relacionar-se de forma mais amistosa e cooperativa com os pais de alunos, colaborar nas atividades lúdicas e encontros da comunidade educativa. A relação cooperativa entre os professores, entusiasma o espaço escolar.

O indivíduo motivado possui determinação e os objetivos são planejados e perseguidos. Demonstra atividade e alegria, desenvolvendo seu trabalho de forma efetiva. O fracasso, as críticas e as queixas não abalam o sujeito motivado, pois entende que através destes alcançará o aprender.

O professor para ativar sua motivação pode realizar práticas merecedoras de elogio: promover passeios de estudo fora da sala de aula; excursões motivadoras; aulas-sítio; projetos paralelos; abrir espaço para os alunos sugerirem sobre a qualidade das aulas; traçar objetivos a curto, médio e longo prazo.

Saibamos reconhecer o que sabemos e o bastante que poderemos saber. Assim saberemos mediar o conhecimento dos nossos alunos, que da mesma forma que nós, apresenta-se com conhecimentos adquiridos no contexto social, o qual faz parte, de

maneira inter e intra-pessoal, e que a partir do nosso olhar poderemos auxiliá-los na apropriação de novos saberes.

O indivíduo competente é independente, pois sabe que não precisa de outras pessoas para apropriar-se dos conhecimentos. Possui a crença de que o êxito é fruto do seu esforço e dedicação, por isso valoriza os pequenos avanços. E sabe que é por meio do erro que chegará ao acerto. É extremamente positivo nas relações consigo, com os outros e o mundo. Confia na capacidade do ser humano e valoriza sua história. Percebe o desafio como a superação dos limites de sua existência.

Conforme podemos constatar, cada componente tem suas próprias características.

“Os professores, repetimos, encontram-se em uma posição privilegiada para alcançar resultados no crescimento e amadurecimento pessoal. Para tanto, devem estar conscientes disso, acreditar de fato, que podem e, evidentemente, trabalhar para conseguir crescer”. (VOLI, 1998, p. 101).

A auto-estima alimenta a criatividade e a inventividade, permite desvendar sentimentos da pessoa sobre ela mesma: orgulhar-se de seus empreendimentos, demonstrar suas emoções, respeitar-se, reconhecer os próprios talentos, investir em seus objetivos, promovendo um agir de maneira independente, com autonomia.

Este se sentir digno, gostar de si mesmo, acreditar em suas potencialidades, interfere no enfrentamento e na busca de soluções para situações-problema, inclusive encorajando o sujeito a ter iniciativa e ser criativo.

Sendo assim, a auto-estima dos mestres, que, aliás, já não são mais chamados dessa forma, reflete diretamente no comportamento dos alunos. Quando o professor é criativo, a classe também é. Mas o mesmo acontece no processo inverso. Se o professor aplica um conteúdo de forma desmotivante, certamente o aluno não terá uma boa assimilação e o aprendizado será comprometido. Com auto-estima elevada, o profissional tem mais criatividade, seu trabalho rende bons resultados e seu mérito obviamente é reconhecido.

Evidentemente é possível, constatar a relevância do papel do professor no sentido de estimular o aluno a descobrir suas potencialidades, encorajando-o a acreditar que é capaz de realizar algo que pretende, instigando-o a ousar. Mas para que isto ocorra, é necessário, que o professor mostre, através de suas ações, que confia em si mesmo (como alguém dotado de capacidades) e que acredita no potencial do aluno.

Deste modo, ela poderá demonstrar, na prática, a importância de sua figura no próprio desenvolvimento do aluno.

3 PROFESSOR: BANDIDO, MOCINHO OU AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO?

Nos guetos das salas espalhadas pelo território educacional podemos encontrar, comumente, frases como Chalita (2001, p. 140) assinala: “São um bando de mal-educados que não querem nada com a vida”; “Se não ficar quieto agora, mando você para a diretoria”; “Eu sei que a minha matéria é chata”; “Está me achando com cara de palhaça? Pensa que eu não sei a matéria?”; “É impossível trabalhar com uma sala com essa quantidade de alunos.”; “Antigamente, as coisas funcionavam. Agora, com esses modismos todos, os alunos têm direito a isso e aquilo. Na minha época não podiam abrir a boca.”; “Aluno detesta estudar.”; “Eu sei que agora vocês me odeiam, mas depois vão se lembrar de mim com saudades.”; “Professor não pode ser amigo do aluno. O aluno acaba perdendo o respeito.”; “Escola é boa nas férias, quando não tem aluno para nos amolar.” E além disso, “O aluno está certo de nos chamar de louca, porque para ser professora só assim...”; “Deus me livre, se eu ouvir uma filha ou amiga dizer que quer seguir a Carreira do magistério, não sabe do que serei capaz!”.

Memória fútil? Apologia? Acomodação? Impotência? Má vontade? Desânimo? Frustração? Tristeza?

É importante lembrar que algumas mudanças se deram em torno do Ser Professor através dos tempos. Dentre elas poderíamos destacar:

A proletarização da categoria magistério;

A perda do status de professor/a;

Perdas salariais;

Perda de um sentimento de potência e de competência, que só os reconhecidos socialmente podem ter e que é indispensável ao bom desempenho profissional;

Descrédito de si e dos seus alunos diante da mudança na escala de valores morais, éticos e sociais;

Para alguns(as) professores/as, apesar das péssimas condições de remuneração, ser professor ainda representa ascender socialmente diante do seu contexto sócio-econômico de origem;

Imagem do aluno que deixou de ser idealizado como a criança dos contos de fada para se tornar real; ou seja, a concepção de infância e família modificou-se e com ela a nossa perspectiva do que seja ensinar e aprender;

Identificação com o grupo sócio-cultural dos seus/suas alunos/as em termos de origem de classe, de raça, de etnia, de religião;

A auto-imagem enquanto mulher e professora e todos os determinantes deste lugar feminino identificado como submissão, passividade e obediência, que nos fazem identificar-nos com o agredido, sentir-se agredida e a considerar situações agressivas de determinados atos de convivência em sala de aula que não necessariamente o são;

A ambigüidade da docência que transita entre o profissionalismo e a proletarização;

A desconstrução da idealização de um modelo de professor/a, que abandona o lugar (des) subjetivado de um estereótipo e resgata o lugar da memória como um instrumento de reconstituição de trajetórias;

E o redimensionamento das relações de saber-poder no espaço escolar.

A atual crise de motivação tem inúmeras causas, mas uma delas está também no desestímulo que envolve o professor. Recriar o estímulo pela profissão é possível. É preciso lembrar do passado, onde a escola era o refúgio para a aquisição do conhecimento, mas é claro, precisa-se renová-la, modernizá-la, transformá-la em um ambiente onde professor e aluno possam reconstruir seus conhecimentos de acordo com a realidade do mundo. É dever do professor, como profissional que é, atualizar-se e renovar constantemente sua carga de conhecimentos, não só de conteúdos, mas de pessoas, ações, métodos...

Percebemos como estamos permeados por desigualdades e injustiças, e acometidos pelos conseqüentes desânimos.

“Das coisas boas e belas que acabaram nos vêm sempre uma luz e uma capacidade de ver o mais banal com algum encantamento. Essa é a secreta mirada que todo mundo pode ter, mas que o acúmulo de compromissos, o excesso de deveres, a exigência de sermos cada vez mais competentes e eficazes, talvez nos roube um pouco. Esse secreto olhar cada um pode deixar vir à tona. E a vida voltará a ser possível.” (LUFT, 1998, p. 42).

Torna-se um verdadeiro desafio, quase impossível, falar sobre o desejo de realizar uma secreta mirada, revendo o nosso cotidiano de professores de todos os dias

nas salas de aulas, considerando as precariedades das condições de trabalho docente em que estamos imersas bem como a inexistente valorização profissional e salarial.

Mas de que serve deixar-nos alimentar pela queixa, lamúria e lamentação?

Por isso, torna-se maior o desafio de criarmos estabilidade dentro de cada um de nós.

Se um indivíduo se sente inadequado para enfrentar os desafios da vida, se não tem confiança em suas próprias idéias, se falta um senso básico de respeito por si mesmo, se ele se desvaloriza e não se sente merecedor de amor e respeito da parte dos outros, se acha que não tem direito à felicidade, se tem medo de expor suas idéias, vontades e necessidades, reconheceremos nele uma auto-estima deficiente. Auto-eficiência e auto-respeito são os dois pilares da auto-estima saudável; se um deles estiver ausente, a auto-estima está comprometida.

Muitas vezes a auto-estima é confundida com egoísmo. As pessoas dizem que alguém se amar e querer o melhor para si, é uma atitude de egoísmo.

Se analisarmos literalmente, o que vem a ser egoísmo, encontraremos que significa culto ao ego. Ter uma atitude de auto-amor, de auto-respeito, querer aquilo que é bom para si mesmo, não combina com uma atitude de egoísmo, pois este sentimento, pressupõe uma falsa auto-estima, porque a pessoa que assim age tem uma atitude de querer o melhor, e quase sempre no sentido material, somente para si, em detrimento dos outros. Quem possui uma auto-estima elevada, tem como consequência uma imensa estima pelos outros. A prática da auto-estima produz um sentimento de satisfação, de completitude, de prazer interior.

Exercitando a minha capacidade de pensar, dando a devida atenção às minhas atividades, minha vida funciona melhor. Se eu desconfio do que penso é mais provável que eu seja passiva mentalmente, que eu dê menos atenção do que necessito às minhas atividades e que eu seja menos persistente diante das dificuldades.

Se persevero diante das dificuldades, a probabilidade é que eu tenha mais sucesso que fracasso. Se não persevero diante das dificuldades, a probabilidade é que eu fracasse com mais freqüência do que tenha sucesso. Isso ajudará a reforçar a visão que possuo de mim mesma.

Quanto mais sólida é a nossa auto-estima, mais preparados estamos para lidar com os problemas que surgem nas nossas vidas, mais impulso teremos para expressarmos de um modo que reflita a nossa riqueza interior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em auto-estima diante de tempos tão instáveis e repletos de injustiças e adversidades como o nosso, de neoliberalismo, de globalização, de programas de reengenharia e qualidade total para as indústrias e para a educação, de ditadura do mercado, de ausência do estado como mediador dos conflitos sociais, de pós-modernidade, de sociedade pós-industrial, de realidade virtual, de cultura do fugaz, do descartável... sempre pode causar uma certa estranheza e mal-estar.

O importante é não esquecermos que cada um, com o seu jeito próprio de ser e de acreditar pode dar um novo sentido e significado para este caminhar e para o ato de educar. Ou seja, cada educador/a e educando/a pode tornar este aprender e ensinar, dentro e fora do contexto escolar, muito diferente do que aí está. Vale a pena ter olhos para as coisas do cotidiano que nos incomodam, inquietam e causam desassossego. Pode ser valioso e construtivo tentar desvendar e compreender os motivos destas inquietudes e, quem sabe, descobrir o seu modo individualmente e coletivamente de propor mudanças. Quem sabe um olhar de indagador e pesquisador desta realidade, possa contribuir para que a escola deixe de ser uma escola indesejada e passe a se constituir numa escola atravessada pelas tramas do desejo.

Repensar humanamente o currículo implica repensar e ressignificar o projeto educativo traduzido na proposta político-pedagógica da escola, nos projetos de cada campo de saber, nos princípios que orientam as aprendizagens significativas, nas temáticas que possam incorporar os projetos dos alunos e das famílias destes. Implica que cada um de nós, na tentativa permanente de nos fazermos sujeitos-cidadãos/ãs, possamos nos deixar invadir e fecundar pela possibilidade de sentirmo-nos mais vivos, críticos, humildes, amorosos, corajosos, tolerantes, autônomos e justos, reencontrando a paixão perdida e reconciliando-nos com a existência humana, estando atento e sensível para ler mais do que palavras, gestos ou símbolos, mas a vida gravada e inscrita na memória dos nossos/as educandos/as; àquilo que o coração deseja e que os olhos não nos é permitido conhecer facilmente.

Os caminhos percorridos por cada um podem traduzir parte do contorno do Ser Professor/a, por isso a relevância de retomarmos constantemente as nossas memórias e trajetórias e percebermos que as mesmas geralmente vêm marcadas por uma multiplicidade de jeitos de ser e estimar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Cloves. *O cotidiano e desenvolvimento da auto-estima*. In. Anais do XVII Congresso Nacional da AEC – Paraná, 2001.

ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRANDEN, Nathaniel. *Auto-estima e os seus seis pilares*. Tradução de Vera Caputo. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BECKER, F. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FONTANA, Roseli A. Cação. *Como nos tornamos professoras?* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 1993.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GARCIA, Regina Leite. A professora investigadora e o processo de produção de novos conhecimentos sobre a prática pedagógica. In SLEMIAN, Andréa (org.). *Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula*. Anais II do IX ENDIPE, vol. 1, São Paulo, 1998.

KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NÓVOA, A. (org.) *Profissão professor*. Porto, Portugal: Porto Ed. Ltda, 1991.

_____. (org.) *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação*. São Paulo: Libertad, 1996.

VOLI, Franco. *A auto-estima do professor*. São Paulo: Loyola, 1998.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. In: BOSI, E. (org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Endereço:
Rua Lourivaldo Michels, 79 Bairro São Bento Baixo
88867-000 Nova Veneza/SC
E-mail: janete.tomasi@bol.com.br

Recebido em: 03/2005
Aprovado em: 06/2005